

- Oh professora, pode ser um jogo?

- ?! Pode...

Maria José Costa

Decorria o ano lectivo de 1992/93 ano da experimentação do novo programa de 12º ano, quando fui chamada, pela primeira vez, para leccionar Matemática numa turma do 12º ano dita "das artes", ou seja uma turma do agrupamento 2. Encontrei, obviamente, um conjunto de alunos interessados em frequentar, no futuro, muitas das variantes das Belas Artes; alguns dos que pretendiam ingressar em escolas de arquitectura estavam já a pensar em alternativas, pela dificuldade de atingir as classificações mínimas de acesso a tal curso. Os alunos estavam, na sua maioria, muito bem classificados a todas as disciplinas excepto na Matemática: nesta disciplina, havia apenas duas alunas bem classificadas e alunos "repescados" pelo "exame de equivalência à frequência" que então existia; para além da classificação média da disciplina na turma ser baixa, muitos alunos (a maioria!) lamentavam ter de a frequentar, uma vez que, argumentavam eles, lhes interessava um curso de Belas Artes para os quais ela não era exigida na candidatura, pelo que reinava algum (muito?) descontentamento na turma face à obrigatoriedade de frequentar tal disciplina.

Ora, ao abrigo dos novos planos curriculares, para cuja experimentação a minha escola tinha sido seleccionada, todos os alunos, os das "artes" inclusive, deveriam proceder à elaboração de trabalhos de pesquisa relacionados com a disciplina.

Resolvi então, em alternativa a trabalhos escritos, apelar à faceta criadora destes alunos, mesmo para a disciplina que mais os contrariava, pedindo-lhes uma interpretação de um segmento do currículo, a síntese de uma unidade, enfim, algo que pudesse ser utilizado nas aulas ou num manual

escolar de Matemática. Uma das alunas com classificações baixas a Matemática, a Sílvia, perguntou-me se o trabalho poderia ser um jogo; a minha resposta foi um sim tão hesitante quão grande era a minha incapacidade momentânea para imaginar um jogo relacionado com, por exemplo, a Análise Infinitesimal. E fiquei a aguardar a entrega dos ditos trabalhos.

Lá chegou o dia de apresentação dos trabalhos, que tinham sido produzidos fora das aulas. O grupo a que a Sílvia pertencia, composto por três alunas, apresentou a obra que, após pequenas alterações, figura em anexo como "tabuleiro" do jogo. O impacto do trabalho na turma foi grande. Desde logo ficou a promessa de alterar a ordem de algumas casas no sentido de corrigir uma ou outra sequência menos correcta do ponto de vista matemático e de escrevermos em conjunto as regras do jogo, quer visando a sua futura utilização, quer a sua divulgação pela revista Educação e Matemática.

Contudo, no fim do ano lectivo as rectificações e os complementos estavam por fazer. No ano lectivo seguinte duas delas frequentavam a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a terceira o Ramo de Espectáculo, do Curso de Dança, em Lisboa, o que parecia inviabilizar totalmente o melhoramento que tínhamos - elas e eu - considerado indispensável. Por ironia do destino, eu iniciava um novo ciclo no curso secundário com, entre outras, uma turma de 10º ano das tais das "artes", desta vez explicitamente a meu pedido; a esta turma pertencia o Nicolau, irmão da Sílvia, interessado no curso de Arquitectura e que, mau grado a sua elevada média quando completado o 12º ano, não conseguiu alcançar o seu objectivo.

Durante estes últimos anos mantive guardado este trabalho, mostrando-o apenas aos alunos do 2º agrupamento para explicitar melhor o trabalho pedido.

No ano lectivo de 1996/97, eis que volto a trabalhar com uma turma de 12º ano do agrupamento 2, a qual o Nicolau frequenta procurando melhoria de nota; quando sugeri o elaboração do trabalho, convidei-o a fazer as alterações imprescindíveis e ele aceitou fazê-lo. Do resultado do trabalho levado a cabo nas circunstâncias descritas, resultou o produto que agora se expõe. Obviamente que o conjunto tabuleiro/regras que se junta poderá ser discutível e melhorado com vista à sua utilização em ambiente lúdico ou ambiente didáctico, mas nunca se poderá perder de vista nem a autoria nem as condições em que foi elaborado.

Contadas as vicissitudes deste trabalho realizado por alunos de 12º ano, eis-nos chegados a uma época em que o programa pouco valoriza o tema em que ele se apoia. Todavia, parece que ainda se poderá (ou deverá?) divulgar este trabalho: é, por um lado, uma sugestão que poderá ser seguida para outras rubricas programáticas ou noutras turmas de alunos vocacionados para as "artes"; é, por outro lado, uma prova de que, até os alunos que estão menos interessados na disciplina de Matemática são capazes de produzir trabalhos de qualidade no seu âmbito. Se a Matemática pudesse existir por ela própria, ao contrário de ser utilizada como arma selectiva nas repartições administrativas do saber, talvez fosse mais aceite e menos odiada pelos jovens, bons, generosos e imaginativos deste país!...

Maria José Costa
Esc. Sec. Augusto Gomes